

"Libertei-me da inquietação de não saber quem sou e de não saber até onde posso chegar. Agora, conheço melhor as pessoas e reconheço também a minha força".

Zuleika Angel Jones



A DITADURA NA MODA

Prefácio

As lições sobre a ditadura militar nas escolas de educação básica estão mais restritas a simples descrição cronológica ou burocrática do período. Entretanto para temática tão sensível e jovens cada vez mais desinteressados no passado, é necessário de valer de meios das quais estejam inseridos e que mantenham interesses. É o caso do presente material didático, que através de elementos diversificados como a moda, músicas, poemas, busca de história privada a da estilista Zuleika Angel abarcar a história geral da ditadura militar. O enfoque é a repressão e as violações daquela época, chamando atenção para as questões de direitos humanos, na qual ninguém passava impune, nem os mais abastados, que era o caso da estilista. Entretendo esse enfoque não visa chocar os alunos, mas conseguir a atenção e aprendizagem de um tema atual, na qual sentimos suas marcas décadas depois.

Público alvo: 9º ano a 3º ano do Ensino médio,

Tema tratado: ditadura militar, repressão, tortura, linguagem midiática, moda, imagens, documentos, história privada.

Universidade de São Paulo - Departamento de história

Sara Caroline da Silva- nº 8073841- vespertino

Aula introdutória

Desenvolvimento: 1 a 2 aulas

Objetivo: através de introdução geral sobre a ditadura e depois da vida da estilista zuzu Angel abarcar os elementos ocorridos no regime militar

Dinâmica: aula teoria e expositiva, pesquisa e imagens.

O professor deve introduzir brevemente o significado de ditadura que deve ser procurado no dicionário pelos alunos.

Sf. Forma de governo em que todos os poderes se enfeixam nas mãos de um indivíduo, grupo, partido ou classe. 2. Tirania. 3 poder ou autoridade absoluta.

Dicionário Aurélio, 2003

Introduzir o assunto de forma geral, selecionando temas de acordo com seu interesse, que não é encher os alunos de informações das quais não vão se lembrar futuramente e nem assimilar o conteúdo .

Temas sugeridos:

- Início do golpe
- Ideologia militar
- Ufanismo
- Repressão- tortura desaparecidos
- AI5
- Controle social
- Perseguições políticas
- Reações e protestos
- Fim do período militar

Pedir uma breve biografia de Zuzu Angel, que deve ser passada uma aula antes para ser pesquisada em casa. Na aula o professor deve novamente expor novamente essa biografia.

Zuzu foi uma das maiores estilistas brasileiras dos anos 60 e 70. Mãe de três filhos – frutos de seu casamento com um americano – Hildegard, Stuart e Ana Cristina. Seu filho do meio, Stuart, assim como sua mulher era militante político, e por isso foi preso, torturado, morto e seu corpo supostamente foi jogado ao mar em 1971. É com o desaparecimento dele que Zuzu começa a se rebelar contra o governo militar. Enquanto os militares diziam nunca tê-lo prendido, anônimos entraram em contato com ela para contar tudo o que sabiam e revelar sua morte.

A estilista chamou atenção do mundo enviando cartas para intelectuais, entrando em contato com o governo americano e em um desfile, feito na casa do Cônsul Brasileiro em Nova Iorque. Rodeada por jornalistas e pessoas da sociedade, Zuzu mostrou uma coleção com bordados de pássaros presos em gaiolas, tanques de guerra, quepes, aviões e até mesmo uma pomba negra; seu anjo foi substituído por um ferido, representando seu filho.

Voltando ao Brasil, conseguiu reunir provas suficientes da tortura e morte de Stuart, mas nunca as conseguiu entregar pessoalmente a alguém que pudesse lhe ajudar. Vítima da truculência do regime ditatorial morreu na noite do dia 14 de abril de 1976 em um acidente de trânsito em circunstâncias duvidosas, na saída do mesmo túnel que leva hoje o seu nome. Seu acidente, só foi reconhecido como intencional em 1998.

•Após essa exposição que pode durar mais que uma aula distribua diferentes documentos entre os grupos, sejam eles reportagens, cartas pessoais, arquivos de caráter oficial.

Cada grupo deve descrever ao documento seguindo um roteiro

1-Identificar o contexto histórico (período / acontecimentos em que se enquadra o assunto do texto).

2-Identificar o tema tratado explicação das ideias centrais. Ele é recente. ? Que tipo de documento é esse?

3-É possível identificar a quem está sendo endereçado? E quem o escreveu?

4-Interpretar o documento (esclarecimento de vocábulos ou frases cujo sentido que tem dúvidas). Disponibilizar dicionários

•De uma pequena explicação sobre o que é arquivo e documento, escrito, material e iconografia.

•Agora exponha todos os documentos e peça para que os alunos os organizem por períodos crescentes, conforme as datas imaginadas com relação à exposição da vida da estilista feita em sala.

As informações dos documentos institucionais serão encontradas no site mantido pela filha da estilista - <http://www.hildegardangel.com.br/>

•DOCUMENTOS

Capitão diz à CNV que Stuart Angel foi enterrado em Base Aérea do Rio

Corpo de militante sumido na ditadura está na cabeceira da pista, diz militar. Comissão Nacional da Verdade apresentou depoimento nesta segunda.

G1- 09/06/2014 18h30

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) apresentou nesta segunda-feira (9), no auditório do Arquivo Nacional, no Centro do Rio, o depoimento do capitão reformado da Aeronáutica, Álvaro de Oliveira Filho. O militar revelou que o corpo do militante político Stuart Angel Jones, desaparecido durante a ditadura em 1971, teria sido enterrado na pista da Base Aérea de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio. A comissão informou que pedirá escavações na cabeceira da pista onde, segundo o capitão, o corpo foi enterrado e convocará oficiais que trabalhavam no local há 43 anos.

O depoimento do capitão, gravado em vídeo, foi tomado na sexta-feira (6), em Salvador. Durante a entrevista para os integrantes da CNV, o capitão diz que a informação sobre o destino do corpo de Stuart Edgar Angel Jones foi informado a ele pelo sargento José do Nascimento Cabral, que já morreu. Oliveira Filho disse que o sargento contou que observou o enterro do cadáver no dia que estava de plantão na Base Aérea. A Comissão da Verdade informou que além de ouvir depoimentos e recolher documentos foi feita uma pesquisa com diligência pericial de reconhecimento da Base Aérea do Galeão, local onde Stuart Angel teria morrido.

De acordo com a CNV, a base é a quinta estrutura que foi usada pelas forças de repressão como local de prisão, tortura e morte durante a ditadura militar no país “E nós acreditamos que essa tese de ocultação de cadáver na Base Aérea de Santa Cruz é uma tese muito consistente e nós aprofundaremos as investigações de todas as formas que tiverem dentro da competência da Comissão da verdade nos próximos meses, no trabalho da comissão”, disse André Sabóia.



Zuzu Angel morre em acidente no Rio

Promessa de Geisel a Dulcina

Da Sucursal de BRASÍLIA

O presidente Geisel prometeu à atriz Dulcina de Moraes, presidente da Fundação Brasileira de Teatro, que vai reunir todas as pessoas do governo envolvidas na criação da Faculdade Nacional de Arte, para pedir que encontrem uma solução que apresse a conclusão das obras do Teatro de Brasília, pois a faculdade não pode funcionar sem ele.

Para a construção do teatro, a Fundação Brasileira de Teatro recebeu Cr\$ 4 milhões, que foram entregues parceladamente: Cr\$ 1 milhão em 73, Cr\$ 2 milhões em 74, e Cr\$ 1 milhão em 75. Segundo a atriz, foi esse parcelamento que dificultou a conclusão da obra, fazendo com que o teatro, orçado em Cr\$ 4 milhões em 73, custasse Cr\$ 8 milhões em 76. O teatro já está com toda a estrutura pronta, faltando apenas os acabamentos. Para remediar a situação, ela propôs entregar o Teatro Dulcina, do Rio de Janeiro, pertencente à Fundação Brasileira de Teatro, ao Ministério da Educação, para que o teatro carioca pudesse ser utilizado pelo Serviço Nacional do Teatro, desde que o MEC arcasse com as despesas necessárias para concluir o teatro da faculdade. A proposta foi aceita pelo ministro Ney Braga, a Caixa Econômica ficou encarregada de avaliar o Teatro Dulcina, do Rio, mas até agora nada foi feito.

— O presidente me apoiou integralmente. Ele acha importantíssima essa faculdade. Eu tenho a colaboração do ministro Ney Braga, do Carlos Richbiller, presidente da Caixa Econômica, que acha que Brasília não pode continuar sem um teatro, do governador Elmo Serejo e do secretário de Educação Edmilir Murtinho. O que eu não entendo — desabafa a atriz — é que, com tanta gente boa interessada, a coisa chegue a rondando tanto. O que me apavora é que, e cada dia que passa, as coisas ficam mais caras. Quando a política chegar para concluir esse teatro.

A figurinista Zuleika Angel Jones (Zuzu Angel) morreu ontem, às 3 horas da manhã, ao perder a direção do seu "Karmann-Ghia", quando saiu do auto-estrada Lagoa-Barra da Tijuca, no Rio. Conhecida nos Estados Unidos como "a moça espanhola", Zuleika conquistou renome naquele país, desde 1970, vestindo atrizes como Joan Crawford, Kim Novak e Margot Fonteyn.

No Brasil, Zuzu Angel começou a alcançar celebridade na década de 60, por ter criado modelos para as elegantes brasileiras, especialmente para a então primeira dama do país, dona Iolanda da Costa e Silva. Em 1969, a modista foi escolhida como "a mulher do ano do Brasil", pelos esforços empreendidos para exportar os seus modelos.

A notícia do acidente surpreendeu sua família, que nem os dois pontos obrigatórios Zuzu não costumava voltar tão tarde para casa e é estranho que tenha perdido a direção pouco depois de dirigir sempre em baixa velocidade. Nos últimos dias, era grande o estado de angústia da figurinista devido à proximidade do quinto aniversário da morte de seu filho Stuart Edgar Angel, que teria sido torturado e morto em 1972, na Base Aérea do Galeão.

Logo após o desaparecimento do filho, Zuzu Angel lançou, em Nova York, um desfile que caracterizou como "a primeira coleção de moda política do mundo"; substituiu os seus tradicionais temas de borboletas e anjos por laçoques bordados sobre as barras verde-amarelas de seus modelos, usando ainda anjos por laçoques bordados de cabeça disparada contra "anjos", figuras bordadas de queques militares e de crianças macilentas como pombo.

Em 17 de março último, a figurinista declarou à imprensa carioca que o recente pedido de prisão preventiva, expedido pela 2ª Vara Federal de Tijuca contra Stuart Edgar Angel, seu filho, "era uma farsa" e que continuaria lutando sempre, e não fez alusão alguma ao inquérito sobre o seu desaparecimento fosse reaberto e os responsáveis julgados. Por ocasião da visita de Kissinger ao Brasil ela chegou a entregar-lhe o dossiê completo do caso e uma cartinha em que pediu sua intercessão junto ao governo brasileiro para a apuração da verdade.

A morte de Zuzu Angel

Na terça-feira ela havia trabalhado até nove horas da noite, terminando sua nova coleção de moda e preparando os modelos recém-criados e seus manequins para serem filmados pela tevê. Quando terminou, declarou-se exausta. Mesmo assim ainda aceitou jantar em Copacabana, na casa de uma amiga. Por volta das três da madrugada voltou para casa dirigindo seu Karmann-Ghia azul. Ao sair do Túnel Dois Irmãos, na auto-estrada Lagoa-Barra da Tijuca, o automóvel bateu na amurada do viaduto Mestre Manoel e despençou por mais de 20 metros. Dentro dele, a figurinista Zuzu Angel, o único nome brasileiro de livre trânsito no exigente mercado internacional da alta-costura, estava morta.

Nascida em Curvelo, Minas Gerais, Zuzu, alia Zuleika, ficou famosa não só por assinar roupas de mulheres conhecidas como Kim Novak, Joan Crawford, Ivone De Carlo, Verushka e Jean Shrimpton, como também pela luta que travava desde 1971, usando inclusive a influência de clientes e amigos estrangeiros, para esclarecer o desaparecimento de seu filho, Stuart Angel Jones, preso naquele mesmo ano por atividades subversivas. Incausável, Zuzu pediu audiências a presidentes da República, enviou cartas ao presidente Geisel e entrou uma outra, acompanhada por vários documentos, a Henry Kissinger em sua recente visita ao Brasil, pedindo esclarecimentos sobre a morte de seu único filho homem. Entre os documentos entregues por ela ao Secretário de Estado norte-americano estava o livro "Governos Militares 1964-1974", do historiador Hélio Silva, que descreve a morte de Stuart Angel entre as páginas 132 e 134.

Casada com o representante industrial norte-americano Norman Angel Jones, que vive em Minas Gerais e de quem estava separada há seis anos, Zuzu chegou até mesmo a trabalhar a morte de seu filho como tema para seu trabalho, em 1971, no que chamou de "primeira coleção de moda política da história". O desenho de um anjo utilizado nessa coleção permaneceu como símbolo de sua firma, a Zuzu Angel Cria-

ções. O sucesso fez com que ela montasse um ateliê também em Nova York a partir de 1970, mudando-se para os Estados Unidos para conviver mais com o filho Stuart e as filhas An Cristina e Hildegard Angel (esta, atriz da peça Bonifácio Bilhões e colunista de um jornal carioca). Quando este terminaram seus estudos e voltaram para o Brasil, ela regressou junto e estabeleceu-se no Rio, com uma boutique freqüentemente pela alta sociedade.

Aos 52 anos, Zuzu era considerada pelos amigos com uma mulher "alegre mas temperamental, que não poupava esforços para conseguir seus objetivos". Foi assim que tranformou-se numa das mais produtivas figurinistas do país e principal exportadora de moda brasileira para o exterior. Segundo suas amigas, ela chegava a trabalhar 16 horas por dia, usando sua atividade como forma "de encher o tempo evitar a depressão, mas sem nunca esquecer a morte d'filho". Este ano, Zuzu por duas vezes deixou as páginas sociais dos jornais para ser noticiada nas páginas políticas na primeira, dia 21 de fevereiro, por conseguir burlar os serviços de segurança e aproximar-se de Kissinger com carta e os documentos sobre a morte de Stuart; na segunda por ter tomado pessoalmente o encargo de divulgar o livro d'Hélio Silva.

Zuzu Angel, além das clientes estrelas do cinema ou d moda, assinou modelos exclusivos para várias esposas d presidentes brasileiros, entre elas Dona Iolanda Costa Silva, de quem foi amiga, e até para Patricia Lindsay, mulhe do ex-prefeito de Nova York John Lindsay. A figurinista, q desde sua primeira coleção internacional, lançada em 1968 utilizando temas brasileiros, foi considerada como uma d mais talentosas e originais desenhistas de moda do mund fo sepultada hoje no Rio, às 10h. Em seu caixão, além d desenho do anjo, um retrato de Stuart Edgar Angel Jon cuja morte não é reconhecida pelas autoridades brasileiro que o consideram um réu revel.

Ela começou em Curvelo, Minas Gerais, "juntando uns trapos". Acabou impondo sua moda em Nova Iorque, sob a inspiração de um símbolo iluminado

Reportagem de Eraldo Batista e Vera Mita Bassa
Foto de Claire Wittmann

Na madrugada do dia 16, na saída do Túnel Dois Irmãos, no Rio, Angel se descontrolou e bateu na amurada do viaduto, rolando cerca de cinco metros. Mas o que rolou — não foram arcaizadas, marchas de guerra ou da latária do carro na estrada — foram as peças de roupa que ela usava, até se espalhar numa rua que margeia a favela da Rocinha. E o fato de usar, no momento de emergência, o lançamento de direção, o Karmann-Ghia azul virou pelo lado esquerdo da pista e o impacto foi na marretta que se encontrava do lado direito. Se dois guardas de trânsito foram testemunhas do acidente. Eles notaram que o motor do carro tinha um pequeno defeito, mas perceberam que a figurinista tentou atar, inutilmente, a porta fechada do automóvel, antes de cair.

Zuleika Angel Jones morreu assim, entre as ferragens do seu carro, apesar de amar a vida e ter um objetivo para ela.

Sempre fora colímbia e dinâmica, mas só nos últimos cinco anos descobriu toda a sua força: "Foi a memória do meu filho que me deu esse impulso. Antes, como todo mundo, eu cedia a vaidade e o desejo de brilhar. Mesmo assim, saiu de Curvelo em Minas Gerais e impôs sua moda no Rio de Janeiro. E do Rio, chegou a levar suas vestidas à Quinta Avenida, em Nova Iorque. Impôs no mercado internacional uma linha de elegância best brasileira: colôndia, alegre, feminina.

Não se importava que chamavam seus vestidos de colôndias. Costava de usar bordados — de inspiração italiana — e rendas, das artesãs de lá. O anjo chegou às criações de Zuzu Angel em 1973, ano do desaparecimento do seu filho. Tapalhou-o como símbolo em vestidos, blusas. Liza Minnelli posou com várias delas, bolhas, complementos. Foi nessa época que ela apresentou o seu famoso desfile em Nova Iorque, o primeiro "desfile de moda política do mundo", com as manequins usando vestidos ornamentados com símbolos de guerra.

Dai em diante, Zuzu Angel tinha duas assessoras. A de Zuzu Angel, modista, amiga de Joan Crawford (que lhe comprava vestidos), frequentadora de salões elegantes, trabalhadora, infatigável e a outra, de Zuleika Angel Jones. Esta última assessoria estava formada em dezenas de documentos que ela enviava para todos os cantos do mundo (principalmente no Dia da Mãe e nos dias de correspondência que morcia). Várias dessas cartas eram do Senador Edward Kennedy e do Senador Frank Church, dois dos nove parlamentares americanos engajados "na Casa de Zuzu".

"Tinha muitos dias americanos, mas ao mesmo tempo tenho grande admiração por eles, dizia ela. Quando converso com os senadores americanos sinto toda a grandeza do ser país. Só um povo que se presta a produzir representantes tão dignos, tão sábios."

Zuzu emova a vida e tinha objetivos

Ultimamente, ela estava empreitada. Muito trabalho o preço de suas roupas e em incrementar novas exportações para os Estados Unidos. Costava de fazer que não dava importância a vestidos.

"Nunca, é claro, não tem importância. Minha moda é documento histórico, é criação e é liberdade. Eu visto as mulheres dando-lhes toda a liberdade de serem como são, curvilíneas, descoladas. Não faço moda que force a barra da anatomia, nem lanco o cinzeiro pomper se uma cintura na França. Aqui é outro mundo: flores, passatempo, borboletas. E outras coisas mais, que não existem lá."

Por causa dessas outras coisas mais, Zuzu Angel vivia ofuscada. Quando o secretário de Estado Henry Kissinger esteve recentemente no Brasil, ela conseguiu fumar todo o esquema de segurança e lhe entregou em pessoa — o dossiê completo do caso do seu filho.

ZUZU O anjo caído



As amigas mais próximas e frequentes mais constantes chegavam a adverti-la sobre a sua atividade. Zuzu Angel dizia que nunca se daria a sua verdadeira vida. Ela foi o único membro latino-americano de Fashion Group (entidade internacional com sede em Nova York) que reuniu os maiores nomes mundiais da moda e ela também Mulher do Ano em 1969, membro do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil. "É preciso reconhecer que o trabalho feminino é digníssimo, mesmo o de uma figurinista". Mas Zuzu gostava da simplicidade. Tinha um aconchego espírito de equipe, fazia questão de contar suas ideias aos companheiros de trabalho, de "pensar com os outros".

"As vezes ela me telefonava e fazia muitas perguntas para se comunicar uma ideia nova — dizia dona Lourdes Ferrão, secretária de Zuzu Angel, nos últimos seis anos. Descrita rudo, no maior entusiasmo. Cora, desenhos, riscos."

Para Zuzu Angel, a morte era um pensamento constante nos últimos tempos. As vezes, ela achava que não completaria 56 anos. Outras, que sua criação ia falir. Começava a arrumar e fugesitas que, finalmente, conseguia dar um compromisso completo ao marido, Hélio Silva sobre o seu caso. E se preocupava pela continuação da sua obra. Sua continuação era feita por Norma Siciliano Sérgio Brandão, sua auxiliar na boutique. Permane em mudar chamar a filha — Ana — para trabalhar na loja. Ela queria que Ana tivesse a mesma paixão que ela tinha pelo trabalho, para interessá-la no comando do negócio.

Sabia que a outra, Hildegard Angel, estava voltada para o teatro e o planejamento "a vocação dela. A minha é a de inventar roupas a brasileira e a de ser mãe. Digo, não me importo."

Muito ligada às suas tengeras amigas, gostava de contar, que chamava "o seu trabalho de Curvelo", a maneira com que havia sido esquentada pela primeira vez em Nova Iorque em 1958, por sua amiga Joan Crawford. Na ocasião, a especialista em modas

Eugénia Shepard pronunciou o seu luto de protagonista internacional, chamando-o de "moerinha vibrante".

"Depois, voltei a falar em inglês e fui convidada para o meu inglês de Curvelo. Mas ali não era mais sobre vestidos."

Na noite da véspera do seu desastre, Zuzu quase chorou de 17 ao jantar em casa de Lúcia Andrade Vieira. Estava cansada. Na loja, entre as novas criações penduradas por toda a parte, tinham acabado de fazer um desfile para a televisão os funcionários de Zuzu Angel estavam a sua disposição para fechar a loja. Ela acabou dizendo que o jantar era importante e foi mudar de roupa.

Só aceitava motivos brasileiros

Segundo a análise e Ruth de Almeida Prado, uma das convidadas — não quis Selber. Não acabou sequer uma taça de champagne. Por volta de duas da manhã, um dos convidados e amigo de Zuzu Angel, Sérgio Costa e Silva, levou-a até a loja. Ali ela se despediu, pediu para os amigos e se dirigiu para a sua casa, na Barra da Tijuca — ao encontro da morte.

A maioria dos seus amigos mais próximos recordam-se que ela morava em local tão deserto, sozinho. Mas Zuzu Angel argumentava com suas amigas e com sua chefe que precisava de espaço e ar puro. Ela mesma regava as plantas da marinha, antes de ir para o trabalho. E dizia que a colôndia a esperava, com incansável fidelidade.

Em seu enterro os amigos convidadas se recordam a sua personalidade forte e sua atitude, seu dinamismo, sua coragem. Ultimamente, ela inaugurava em sua boutique o anjo luminoso: um anjo alegre. E gostava de dizer falando para o anjo: "Por causa desse anjo, sou uma moça de Curvelo; que costura de costurar um trapo, sou acabai entrando na História". Zuleika Angel Jones, em sua última obra, usava colôndias vermelhas, nerv salvia que estava dizendo a verdade

Laudos sobre morte de Zuzu indicam manipulação de dados

Acidente da estilista, em 1976, só foi reconhecido como intencional no mês passado

BRASÍLIA - No relatório sobre a morte da estilista Zuzu Angel, enviado para a 10.ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, os peritos admitem que ela fez um pequeno desvio na direção do veículo antes do acidente do qual foi vítima, na estrada Lagoa-Barra, em abril de 1976. Este detalhe, que poderia representar a intenção de Zuzu de desviar de um outro veículo, apesar de estar no relatório - que faz parte do Documento Sigiloso n.º 2804 do Ministério da Justiça -, não foi levado em consideração. A polícia insistiu que a estilista estava dormindo quando ocorreu o acidente. O relatório policial sobre a morte de Zuzu também está nos arquivos secretos do Ministério da Justiça.

Em várias partes do relatório enviado ao juiz da 10.ª Vara, o delegado - cuja assinatura é incompreensível - se preocupa mais em fazer referências elogiosas a seus subordinados do que ater-se aos fatos. "Meritíssimo doutor juiz: cometeríamos uma injustiça se não ressaltássemos o trabalho primoroso dos peritos (cita os nomes) no qual, de forma inequívoca, demonstram a exuberância de seus conhecimentos técnicos e científicos, oferecendo-nos um laudo explícito e esclarecedor, do qual nos orgulhamos e nos convencemos, mais uma vez, que nossa polícia nada deve às maiores do mundo", diz o delegado.

Sobre o acidente, o delegado relaciona parte dos depoimentos de várias pessoas e só coloca no relatório trechos em que os depoentes falam que Zuzu reclamava de cansaço e da possibilidade de a estilista ter dormido no volante quando voltava para casa, pela estrada Lagoa-Barra, no dia de sua morte. Os laudos sobre o caso foram apressados pelo detetive inspetor Nelson Borges, a quem o delegado também desfia seu rosário de elogios: "O



Zuzu: luta pela verdade sobre o filho

próprio detetive, demonstrando raro senso de responsabilidade e admirável comunhão de pensamento com a chefia, investigou pessoalmente o fato lamentoso."

Os laudos, porém, em nada mudaram o pensamento inicial do delegado. Eles indicavam que o carro Zuzu não tinha sido atingido por outro veículo. Mas os peritos admitiram que houve um pequeno desvio na direção no sentido do canteiro central da pista. Esse fator, porém, não teria sido causado por nenhuma colisão, diz um dos laudos:

"De uma forma ou de outra, a verificação do desvio direcional inicial à esquerda, manifestado de forma suave e progressiva, nos dá o entendimento de não ter sido caracterizado por manobra volitiva, caso em que, forçosamente, implicaria em maior amplitude angular."

Mais adiante, o delegado acrescenta outros elogios aos peritos pelo reconhecimento de que a ausência de reações do motorista, "totalmente comprovada", permite afirmar que Zuzu Angel não estava em seus reflexos normais de auto-defesa. "Tal circunstância, por inusitada, não deixa ao signatários (os peritos) a oportunidade do completo esclarecimento de duas causas



Pedido para exame mental na estilista alegava "mania de perseguição"

que poderiam ser imputadas tanto a uma condição patológica quanto a uma dependência de embriaguês ou sonolência", diz o delegado. Outro laudo de pesquisa de álcool comprovou que Zuzu não estava bêbada.

No final do mês passado, a Comissão Especial dos Desaparecidos Políticos reconheceu que a estilista foi morta intencionalmente. Com relatos de testemunhas e simulações feitas por computador, o processo de Zuzu foi aprovado e a família terá direito a uma indenização de cerca de R\$ 100 mil. Segundo a jornalista Hildegard Angel, filha de Zuzu, o dinheiro será usado para a construção de um museu que lembrará sua mãe e seu irmão Stuart Angel.

Campanha - Desde a morte de seu filho, Stuart Angel Jones, ligado a movimentos de esquerda na década de 70, Zuzu denunciava o regime militar. Ela chegou a enviar uma carta ao então secretário de Estado americano Henry Kissin-

ger e ao presidente Ernesto Geisel avisando que poderia ter o mesmo fim do filho. "Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta, por acidente, assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos de meu amado filho", escreveu Zuzu ao presidente.

Menos de uma semana depois de sua morte, segundo os relatórios do governo, uma carta foi enviada ao então ministro das Relações Exteriores, Antônio Azeredo da Silveira, por uma pessoa que ficou no anonimato. "Confiamos que as autoridades tomem as providências que um documento dessa gravidade exige", pediu o remetente. A Divisão de Segurança e Informações (DSI) do Itamaraty desdenhou as cartas dizendo que ela fazia parte de "uma campanha que tentava dar caráter político ao acidente."

Mais à frente, a DSI recomendou que os órgãos de segurança fizessem um exame aprofundado no quadro clínico mental de Zuzu. "A DSI/MRE considera conveniente exame mental em Zuzu tendo em vista os indícios, em suas declarações escritas, de mania de perseguição e fixação mórbida na lembrança de seu filho", aconselhou o Itamaraty. (E.L. e M.M.)

POLÍCIA
ALEGOU
EMBRIAGUÊS E
SONOLÊNCIA

Assassinado, o corpo do meu querido filho, não me foi entregue. Sinto uma dor tão grande, Agora, paiva, sinto que posso escrever esta carta e sinto que posso acalantar uma triste e pobre esperança: Sabei ao menos onde está o corpo do meu Stuart. Rogo assim a Vossa Excelência, mandar apurar a responsabilidade do que ocorreu com o meu filho sacrificado. Aguardando a decisão de Vossa Excelência, subscrevo-me respeitosamente.

Zuleida Angel Jones
Rio de Janeiro 29 de Abril de 1975

ZUZU *ZA* ANGEL
RUA NASCIMENTO SILVA, 510 IPANEMA - RIO - GB - ZC - 37
BRASIL

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1971.

Terezinha,

Agradeço a sua bem intencionada carta, - mas gostaria que você compreendesse que a sua expressão - "Todos vão para lá, não interessa o que tenham feito ou como tenham vivido"- me magoou e feriu profundamente.

Quero que você saiba que nem ao menos tenho certeza se meu filho está morto, pois não me entregaram o corpo.

Do dia 12 a 18 de Maio ele foi torturado, espancado e por fim arrastado por um jeep da Gloriosa Aeronáutica Brasileira no Galeão, porque se recusou a assinar confissão do que lhe era atribuído, e que logicamente ele nunca fizera.

Um dos seus professores esteve aqui e disse: "Stuart era tão humilde, delicado, bom e calado que ninguém poderia imaginar quanta cultura e sabedoria ele carregava dentro de si". Ainda disse ele: "Estou vendo o Stuart até pedindo desculpas aos seus algozes por lhes dar este trabalho de espancá-lo, torturá-lo e arrastá-lo num jeep para arrancar confissões hipotéticas.

Terezinha, enquanto houver pessoas como você e outras que acreditam que a nossa melhor juventude, que está sendo torturada e morta nos cárceres brasileiros realmente comete crimes, tudo continuará a ruir ao nosso redor - conforme expressão sua.

Meu filho passou toda a sua existência estudando, estudando, estudando - só línguas falava oito, que eu tenha conhecimento; talvez ^{puras} mais pois ele não gostava de mostrar os seus conhecimentos nem para as pessoas de casa.

Enquanto o Brasil silêncio sobre o martirio deste jovem, este fato é noticiado em 8.000 (oito mil) jornais no mundo inteiro.

O futuro mostrará o Tiradentes da época dos computadores.

Zuzu Angel

ALCEU AMOROSO LIMA
Petropolis 13 de maio de 1975

Prezada Senhora
D. Zuzu Angel

Sua carta, acompanhada pelo terrível depoimento do companheiro e testemunho do suplício de que resultou a morte de seu filho na prisão da Aeronáutica, fazem realmente tremar de vergonha a todos nós culpados, por ação ou omissão, de tudo o que de monstruoso se vem fazendo entre nós, sob pretexto da luta contra a subversão. Nada pode desculpar a negação dos mais consensados princípios de humanidade na repressão de atos subversivos, que não privam os seus autores do respeito devido a esses direitos. Embora o regime de censura em que ainda vivemos, após tantos anos da chamada revolução, não permita a mais ampla divulgação que devam ter atos monstruosos como aqueles de que foi vítima o seu filho, é mister que todos nós, na medida de suas pequenas possibilidades, possamos concorrer para que essas insanidades não fiquem para sempre sepultadas no esquecimento. É o que também procurarei fazer sempre que possa entreabrir a cortina de ferro e de silêncio em que todos estamos encerrados. *só Deus, pode fazê-lo*

Quanto ao consolo real que possa ter seu sofrimento de mãe, na certeza que temos e que a Fé nos ensina, de que não há sofrimentos inúteis, por mais que nos esmague o silêncio que cerca as nossas dores mais profundas. E quanto ao precioso consolo humano da nossa solidariedade com o seu sofrimento e com o de tantas mães, esposas, irmãs ou noivas de rapazes como o seu filho, é a única e mínima parcela de que lhe posso oferecer e o faço de todo coração.

Alceu Amoroso Lima

Black and white photograph of a military jeep on a road.

Portrait of Zuzu Angel.

Newspaper clipping with the headline: "EU, ZUZU ANGEL, PROCURO MEU FILHO".

ANJO ENGAJADO

O desfile-protesto de Zuzu Angel em Nova York teve ainda modelos que exibiam uma faixa preta em um dos braços, uma clara referência ao luto pelo filho desaparecido. No fim do desfile, Zuzu surgiu num longo preto. Ela usava ainda um cinto com cem crucifixos pendurados e um colar com uma enorme imagem de anjo. A figura da estilista contrastava com duas modelos sorridentes e vestidas de branco que a acompanhavam. Ao fundo, Ana Cristina Angel, filha de Zuzu, cantava "Tristeza". Tudo misturava dor e esperança.

Muito antes da busca incessante pelo filho, Zuzu Angel já era notícia. Desde os anos 60, época em que ainda era comum as brasileiras obedecerem a padrões internacionais de estilo, ela acreditava no poder das nossas referências culturais. Valorizava rendas do Ceará, chita, estampas tropicais. Depois de se mudar de Curvelo para o Rio com os três filhos, a mineira Zuleika Angel Jones foi parar em Ipanema, já separada do marido. Passou a usar a criatividade e a sua habilidade com tecidos e linhas para sustentar a família. Fez vestidos inspirados em Carmen Miranda, Maria Bonita e Lampião, estampas de anjinhos sobrevoando as nuvens, xadrezes com padrões singelos de cores e formas, além de pássaros e florais com releituras naïf. Numa época em que De-ner, José Ronaldo, Guilherme Guimarães e Clodovil dominavam o cenário da moda nacional, muitos a chamavam de cafona.

No Brasil, Dina Sfat, Bibi Ferreira e Marleta Severo usavam suas criações. Zuzu também vestiu Kim Novak, Liza Minelli e a atriz Joan Crawford, que a fez conhecida em Nova York, onde a brasileira passou a vender suas coleções nos anos 70. Primeiro, na Bergdorf Goodman. Depois vieram Saks, Lord & Taylor, Henry Bendell e Neiman Marcus. Em 1975, numa entrevista ao "New York Times", Zuzu declarou: "Achim que moda é futilidade. Eu tento dizer que moda é comunicação, além de garantir emprego para muita gente".

Para João Braga, professor de História da Moda e História da Arte na FAAP e na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, Zuzu foi uma visionária por valorizar as referências nacionais, além de pioneira ao usar a moda como uma bandeira política, como um veí-

culo de comunicação.

— No Brasil, com certeza, nunca ninguém havia feito isso. Dentro de um conceito contemporâneo de moda no cenário internacional, desconheço alguém que tenha tornado, antes de Zuzu, a passarela como um lugar de protesto. Já havia ocorrido manifestações de rua através da maneira de vestir, como as francesas que usavam as cores da bandeira da França na época do nazismo. Mas antes de Zuzu não sei de ninguém que tenha protestado por meio de um desfile — diz João.

Em 2001, o estilista mineiro Ronaldo Fraga desfilou na São Paulo Fashion Week a coleção "Quem matou Zuzu Angel", uma releitura do estilo da estilista. Peças com muitas aplicações e bordados. O sol quadrado também estava lá, assim como fitas de cetim e gorgorão. As modelos usaram sobre a cabeça uma auréola de estrelas. Ronaldo diz se emocionar com a trajetória de Zuzu.

— O grande legado dela é o pensar através da moda. Talvez nem a Zuzu tenha tido a consciência de que estava fazendo algo tão intelectualizado. Foi a primeira moda com uma voz brasileira. Está acima do feio e do bonito. Era uma roupa fresca, primorosa, onde o feito à mão tinha uma presença muito forte — afirma Ronaldo.

Além dele, Tufi Duek e Isabela Capeto já homenagearam a estilista mineira em suas coleções. No ano em que o golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil completa 50 anos, a moda de Zuzu pode voltar à cena. O Instituto Zuzu Angel, criado por Hildegard em 1993, está negociando o retorno da marca ainda para este ano.

— Agora, estou priorizando a exposição. Quando terminar, vou focar na grife. Já participei de algumas reuniões. É possível que a Alice Tapajós chefe e equipe de criação, mas ainda não fizemos um acordo formal. Ela se entusiasmou com a possibilidade, e é uma pessoa de muito talento. A grife poderá ser vendida em multimarcas ou numa loja de departa-

mentos. Estou ainda estudando as possibilidades — diz Hildegard.

A partir do dia 1º de abril e até o dia 11 de maio, a história de Zuzu poderá ser vista de perto. A exposição, batizada de "Ocupação Zuzu", vai ocupar quatro andares do Itaú Cultural, em São Paulo. Serão exibidos 400 itens, entre roupas, croquis, documentos e cartas, todos originais ou cópias, assinados pela Zuzu. Pelo menos 40 looks criados pela designer poderão ser vistos. Destaque para quatro criações de Zuzu para noivas; os trajes que ela usava em seu luto pela perda do filho; e exemplares usados por modelos americanas no desfile-protesto realizado na casa do cônsul. Há ainda camisetas, bolsas, porta-óculos, fivelas. Tudo com os anjinhos que viraram uma referência icônica.

Mas a cereja do bolo vai ser um vídeo de cerca de quatro minutos com imagens do desfile-protesto de Nova York. A filmagem, feita pela NBC americana mas nunca antes exibida, foi achada nos arquivos da TV Cultura.

Objetos e fotografias de Stuart Angel Jones — muitos apresentados ao público pela primeira vez — também integram a mostra, que terá Hildegard Angel e o Itaú Cultural como curadores e Valdy Lopes assinando a direção de arte. Palestras, cursos, rodas de conversa completam a programação, que quer marcar os 50 anos do golpe.

A carta que Zuzu entregou em 1976 ao secretário-geral de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger, também poderá ser vista. Dois meses depois de burlar o esquema de segurança e entregar o documento, a luta da estilista terminou. Ela morreu em um acidente de carro suspeito, na saída do Túnel Dois Irmãos, hoje Zuzu Angel. Em 1998, o governo brasileiro reconheceu que ela fora mais uma vítima da ditadura militar. ■



MODELO no desfile de Ronaldo Fraga em homenagem a Zuzu. No detalhe, um bordado original da estilista: um anjo caindo da nuvem

João Braga

DENTRO DE UM CONCEITO CONTEMPORÂNEO DE MODA NO CENÁRIO INTERNACIONAL, DESCONHEÇO ALGUÉM QUE TENHA TORNA-DO, ANTES DE ZUZU, A PASSARELA COMO UM LUGAR DE PROTESTO

Zuzu Angel em filme

Desenvolvimento: 1 a 2 aulas

Objetivo: entender melhor o conteúdo através do filme. Aprender também noções de linguagem cinematográfica

Dinâmica: método midiático, linguagem cinematográfica análise.



Gênero: *Drama bibliográfico- 2006*

Direção: *Sérgio Rezende*

Roteiro: *Marcos Bernstein, Sérgio Rezende;*

Elenco: *Antônio Pitanga, Daniel de Oliveira, Elke Maravilha, Leandra Leal, Luana Piovani, Nelson Dantas, Patrícia Pillar, Paulo Betti;*

Produção: *Joaquim Vaz de Carvalho*
Fotografia: *Pedro Farkas;*

Trilha Sonora: *Cristóvão Bastos.*

1- Roteiro análise do filme

- Qual é o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem? Justifique a sua resposta.
- Quais são os personagens principais? Qual o seu personagem favorito no filme? Por quê? E qual personagem que você menos gostou? Por quê?
- em que local e em que época se passa a história?
- Como você classificaria o filme: ação, aventura, ficção, romance, drama? Por quê?
- Você aprendeu alguma coisa com este filme? O quê? Algum elemento do filme não foi compreendido? Se sim, qual elemento?

- Descreva o uso da cor no filme. Ela enfatiza as emoções que os realizadores tentaram nos passar? Como você usaria a cor no filme em questão?
- Analise o uso da música no filme. Ela conseguiu criar um clima correto para a história? Que tipo de musica você utilizaria neste filme (rock, samba, música clássica, mpb, etc.)?
- Todos os eventos retratados no filme aparentam ser verdadeiros? Descreva as cenas que você achou bem coerentes ou incoerentes á realidade.
- Você percebe elementos que remetem a ditadura? Que elementos são esses? O filme ajudou a entender melhor as aulas? Alguma coisa te emocionou ou te deixou chocado? O que e por quê?

Depois de responder essas questões:

Os alunos elaborarem uma sinopse para capa do dvd.

Sinopse é um resumo, uma síntese de uma obra literária, científica etc. Pode ser ainda uma versão mais curta de um texto original, seu principal objetivo é fazer com que o leitor entenda os pontos principais do texto original, se interesse ou não em ler a obra completa.

Elaborar uma resenha critica curtíssima para uma revista.

Resenha crítica, além de resumir o objeto, faz uma avaliação sobre ele, uma crítica, apontando os aspectos principais (positivos e negativos). Nesse caso é um texto de informação e de opinião.

A moda na ditadura

Desenvolvimento: 1aula;

Objetivo: através da moda- roupas feitas após o desaparecimento de Stuart Angel, levar os conceitos sobre a repressão e os sentimentos que as consequências da ditadura causavam nas pessoas, bem como a forma de pretexto de maneira diferenciada da que estamos costumados a presenciar.

Dinâmica: leitura visual, moda.

Todas são peças abaixo foram criadas pela estilista Zuzu Angel, entretanto é notável o contraste entre as peças. O vestido de noiva apresentado na semana de moda de *New York* marca o protesto a ditadura e a busca do paradeiro de Stuart Angel. No vestido é visível elementos- bordados, de protesto.

Organize os alunos em grupos pequenos (cerca de 3 componentes em cada grupo)

Distribua as imagens da roupas e peça que façam uma breve discussão sobre as questões propostas a baixo, desenvolvendo por escrito suas respostas, devendo ser uma por grupo

Faça uma discussão aberta em sala de aula e compare as opiniões do grupo.



- 1- Peça aos alunos que analisem as peças expostas e que depois façam uma descrição destas
 - a- Existe alguma diferença entre as roupas apresentadas? Qual roupa e qual a diferença? Se sim, você imagina porque são tão diferentes?
 - b- Ela remete a algum momento histórico, que momento seria este?

- 2- Peça que escolham um dos elementos- bordados do vestido de noiva e dissertem porque este elemento tem a ver com a ditadura e com o drama sofrido pela estilista.
- 3- Agora peça que eles comparem o vestido de noiva com o vestido abaixo, tirado da exposição ocupação Zuzu Angel no Itaú cultural.



- 4- Estes vestidos possuem algo em comum? Se sim, em que se assemelham?

O drama na poesia

Desenvolvimento: 1 aula

Objetivo: através do poema e da música ensinar os alunos sobre a ditadura, mostrando também diversas formas de expressar sentimento e homenagens.

Dinâmica: leitura, compreensão, análise e audição de musica.

Proposta- preparo do professor.

- Pesquisa bibliográfica e discográfica aprofundada
- Preparação do material de apoio (letras, textos, cds) a ser distribuído em sala.

Proposta- realização em sala de aula

- Audição I: aspectos poéticos (letra da música e poema)
- Audição II: aspectos musicais (a música)
- Pesquisa sobre o contexto histórico da canção
- debate das questões propostas
- Pesquisa sobre compositor/intérprete

1- leitura

Tanto o poema quanto a musica foram escritos na época da ditadura? Que elementos provam sua afirmação acima?

Qual realidade- mensagem é possível perceber a partir das letras? São as mesmas realidades?

As letras são destinadas a mesma pessoa. ? Quem são essas pessoas ou essa pessoa?

As letras abaixo ainda são atuais? Por quê?

Escolha algum trecho da musica ou do poema que você mais gostou ou mais te marcou e faça uma breve análise da letra.

2- Audição

Sobre a sonoridade, o ritmo da musica é condizente com o sentimento que ela quer passar? Que sentimento é esse? Você mudaria o ritmo?

- Breve bibliográfica a ser passada em aula.

Alex Polari condenado a 80 anos de prisão passaria 20 anos na cadeia, sendo libertado aos 29, em 1980, após a anistia. Dois anos antes, em 1978, publicou um livro, Inventário de Cicatrizes, com as poesias que escreveu no cárcere. São versos duros, tristes, revoltantes, sobre a tortura nos porões da ditadura militar, um dos poemas a canção Paulo que se encontra logo abaixo é dedicado a Stuart Angel, da qual testemunhou a prisão, tortura e finalmente a morte.

Buarque de Hollanda grande cantor e compositor, deixou a ditadura brasileira registrada em suas canções. Sempre crítico, Chico retratava as dificuldades vividas no período assim como denúncias de aspectos socioculturais e econômicos, tendo seu trabalho censurado em vários momentos. . Ameaçado pelo regime militar, esteve auto-exilado na Itália entre 1969 e 1970. Grande amigo de Zuzu Angel acompanha de perto o seu drama, da qual escreve a letra “Angélica” um ano após sua morte.

Canção para ‘Paulo’

Eles costuraram tua boca
com o silêncio
e trespassaram teu corpo
com uma corrente.
Eles te arrastaram em um carro
e te encheram de gases,
eles cobriram teus gritos
com chacotas.
Um vento gelado soprava lá fora
e os gemidos tinham a cadência
dos passos dos sentinelas no pátio.
Nele, os sentimentos não tinham eco
nele, as baionetas eram de aço
nele, os sentimentos e as baionetas

se calaram.
Um sentido totalmente diferente de existir
se descobre ali,
naquela sala.
Um sentido totalmente diferente de morrer
se morre ali,naquela vala.
Eles queimaram nossa carne com os fios
e ligaram nosso destino à mesma
eletricidade.
Igualmente vimos nossos rostos
invertidos
e eu testemunhei quando levaram teu
corpo envolto em um tapete.
Então houve o percurso sem volta
houve a chuva que não molhou
a noite que não era escura
o tempo que não era tempo

o amor que não era mais amor
a coisa que não era mais coisa nenhuma.
Entregue a perplexidades como estas,
meus cabelos foram se embranquecendo
e os dias foram se passando.

Angélica- Chico Buarque

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar
Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento?
Só queria lembrar o tormento

Que fez o meu filho suspirar
Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo?
Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar
Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino?
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar
Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Avaliação

Proponha que os alunos imagine ser repórteres e vão entrevistar a estilista Zuzu Angel. A entrevista deve ter cerca de 10 perguntas com respostas, contendo não só o drama pessoal, mas também elementos que remetem a ditadura, explicados na primeira aula sobre o tema.

ANEXO.

SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA ANÁLISE DE FILMES Data: ____/____/____

1. IDENTIFICAÇÃO:

Aluno(a): _____

Disciplina: _____

2. FICHA TÉCNICA DO FILME:

Título do filme: _____

Atores principais: _____

Direção: _____ Produção: _____

Ano: _____ Duração: _____

3. GÊNERO DO FILME:

Histórico comédia ficção romance animação

documentário drama suspense ação outros

4. A LINGUAGEM PREDOMINANTE É:

formal informal

5. GRAU DE ENTENDIMENTO

fácil razoável difícil

6. VALORES CINEMATOGRAFICOS

Assinale com um X as letras O (ótimo), B (bom), M (médio), F (fraco) de acordo com o seu julgamento, quanto aos aspectos do filme:

Música O B M F Fotografia O B M F

Cenários O B M F Efeitos O B M F

Diálogos O B M F Enredo O B M F

7. TEMAS ABORDADOS:

Culturais Científicos Políticos Religiosos

8. ENREDO (SÍNTESE) :

9. IDÉIA OU MENSAGEM CENTRAL DO FILME:

10. CENA DE MAIOR IMPACTO. JUSTIFIQUE:

11. CONTRIBUIÇÃO DO FILME PARA O ESTUDO DA DISCIPLINA:

12. RELACIONE AS CONTRIBUIÇÕES DO FILME PARA SUA FORMAÇÃO:

13. AVALIAÇÃO FINAL

() Ótimo () Muito bom () Bom () Regular

14. COMENTÁRIOS FINAIS E/OU SUGESTÕES:

file:///C:/Users/Clovis/Downloads/analisefilmes.pdf

Auxílio para preenchimento:

Enredo: é o encadeado de ações executadas ou a executar pelos personagens numa ficção, afim de criar sentido ou emoção no espectador. O enredo, ou trama, ou intriga, é, podemos dizer, o esqueleto da narrativa, aquilo que dá sustentação à história, ou seja, é o desenrolar dos acontecimentos. Geralmente, o enredo está centrado num conflito, responsável pelo nível de tensão da narrativa. O enredo pode ser organizado de várias formas. Observe a mais comum:

- Situação inicial - os personagens e espaço são apresentados.
- Quebra da Situação Inicial - um acontecimento modifica a situação apresentada.
- Estabelecimento de Um Conflito - Surge uma situação a ser resolvida, que quebra a estabilidade de personagens e acontecimentos
- Clímax - ponto de maior tensão na narrativa.
- Epílogo - solução do conflito. Obs.: essa solução não significa um final feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

MUNAKATA, K. "História que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil". IN: FREITAS, Marcos Cezar (org) Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo/Bragança Paulista: Contexto/USF. 1998.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

LOUZEIRO, José, Em carne viva, imprensa oficial, SP, 2006

CALDEVILLA, Vinicius; LOCONTE, Wanderley A Ditadura no Brasil - Coleção Por Dentro da História Editora: Saraiva.

COSTELA, A. O controle da imprensa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1970.

Couto, Ronaldo Costa História Indiscreta da Ditadura e da Abertura - Brasil: 1964 – 1985. Editora: Recorde

IMPrensa OFICIAL. Dossiê Ditadura - Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil 1964-1985. Editora: Imprensa Oficial SP

Sítios:

<http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2011/04/14/acidente-calou-zuzu-angel-para-sempre/>

<http://www.hildegardangel.com.br/>

<http://www.modamanifesto.com/>

[www.br.warnerbros.com/zuzuangel/](http://www.warnerbros.com/zuzuangel/)

www.zuzuangel.com.br/

www.documentosrevelados.com.br

www.arquivonacional.gov.br

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>